

Começa, nos EUA, a negociação da dívida.

O ministro Francisco Dornelles chega hoje a Washington para iniciar as conversas com os bancos. Mas tudo vai depender do FMI. *222 FERN*

Francisco Dornelles estará em Washington hoje e amanhã para, como ministro da Fazenda, realizar seus primeiros contatos com autoridades financeiras internacionais e norte-americanas envolvidas, de maneira direta ou indireta, com o problema da dívida externa do Brasil.

Dornelles chegará hoje de manhã e já deverá encontrar aqui o presidente do Banco Central do Brasil, Antônio Carlos Lemgruber (foto). Ontem, Lemgruber passou a tarde em Nova York reunido com o comitê de bancos chefiado por William Rhodes, do Citibank, que, em nome de centenas de instituições privadas, negocia com o Brasil as novas condições para a solução das obrigações do País. Um banqueiro que acompanha de perto a evolução das negociações com o comitê de Rhodes comentou ontem que "o futuro dessas negociações depende do francês lá em Washington". O francês é Jacques de Larosière, diretor-gerente do FMI.

Mas, segundo fontes do próprio Fundo Monetário, Dornelles e Lemgruber só se avistarão com de Larosière amanhã, às 15 horas. Hoje, seu primeiro encontro deverá ser com o presidente do Banco Mundial, A.W. Clausen, às 13h30.

Ainda hoje, às 17 horas, o ministro e o presidente do Banco Central deverão estar com o chairman da Reserva Federal dos Estados Unidos, Paul Volcker, e, às 18h30, com o presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Ortiz Mena.

Amanhã, às 11h30, Dornelles



tem um encontro marcado com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker. Depois almoça na embaixada brasileira com o embaixador Sérgio Correa da Costa.

A conversa de Dornelles com de Larosière amanhã marcará apenas seu primeiro contato. Dornelles deverá dizer em linhas gerais quais são os planos do governo na área econômica e financeira, mas não haverá negociação de nenhum objetivo específico, disse uma fonte brasileira. As negociações ficarão por conta da missão do FMI que deverá partir para o Brasil dentro de poucos dias.

Sabe-se que, além do FMI, o Banco Mundial também pressiona o governo para definir com clareza e urgência o seu projeto de política econômica em diversas áreas, sem o que os desembolsos para o País poderiam ser prejudicados. Até recentemente o Banco Mundial solicitava ao Brasil que: 1) adotasse política de não-intervenção nos mercados agrícolas de exportação (algodão, milho, soja e seus deriva-

dos); 2) suspendesse a obrigatoriedade das aplicações dos bancos comerciais no crédito agrícola; 3) aprovasse o plano de desenvolvimento do setor elétrico, com alocação de recursos domésticos equivalentes a US\$ 1,3 bilhão; 4) adotasse nova política tarifária para os setores ferroviário e elétrico e liberalizasse o comércio exterior; e 5) implementasse a reforma bancária. O governo já encaminhou algumas dessas questões, mas está encontrando sérias dificuldades internas para satisfazer o Banco Mundial no que se refere a algumas delas.

Apesar de tudo, o Brasil está fazendo um grande esforço para acelerar a aprovação dos novos empréstimos e desembolsos do Banco Mundial. É fundamental para o País que o banco atinja as metas de desembolso neste ano calendário, a fim de ajudar as autoridades a resolver seus problemas de pagamentos externos. O Brasil tem de pagar quase US\$ 800 milhões à instituição este ano e é importante que os novos desembolsos não só cubram essa quantia, mas a superem. Entretanto, a previsão mais otimista situa o saldo positivo para o Brasil no banco (a diferença entre o que o País paga e o que recebe) em menos de US\$ 200 milhões neste ano calendário. Evidentemente, o Brasil deverá receber saldos positivos do BID; da IFC e ainda, se tudo correr bem nas negociações com de Larosière, poderá contar com cerca de US\$ 1 bilhão do FMI em 1985.

**A. M. Pimenta Neves,
de Washington.**